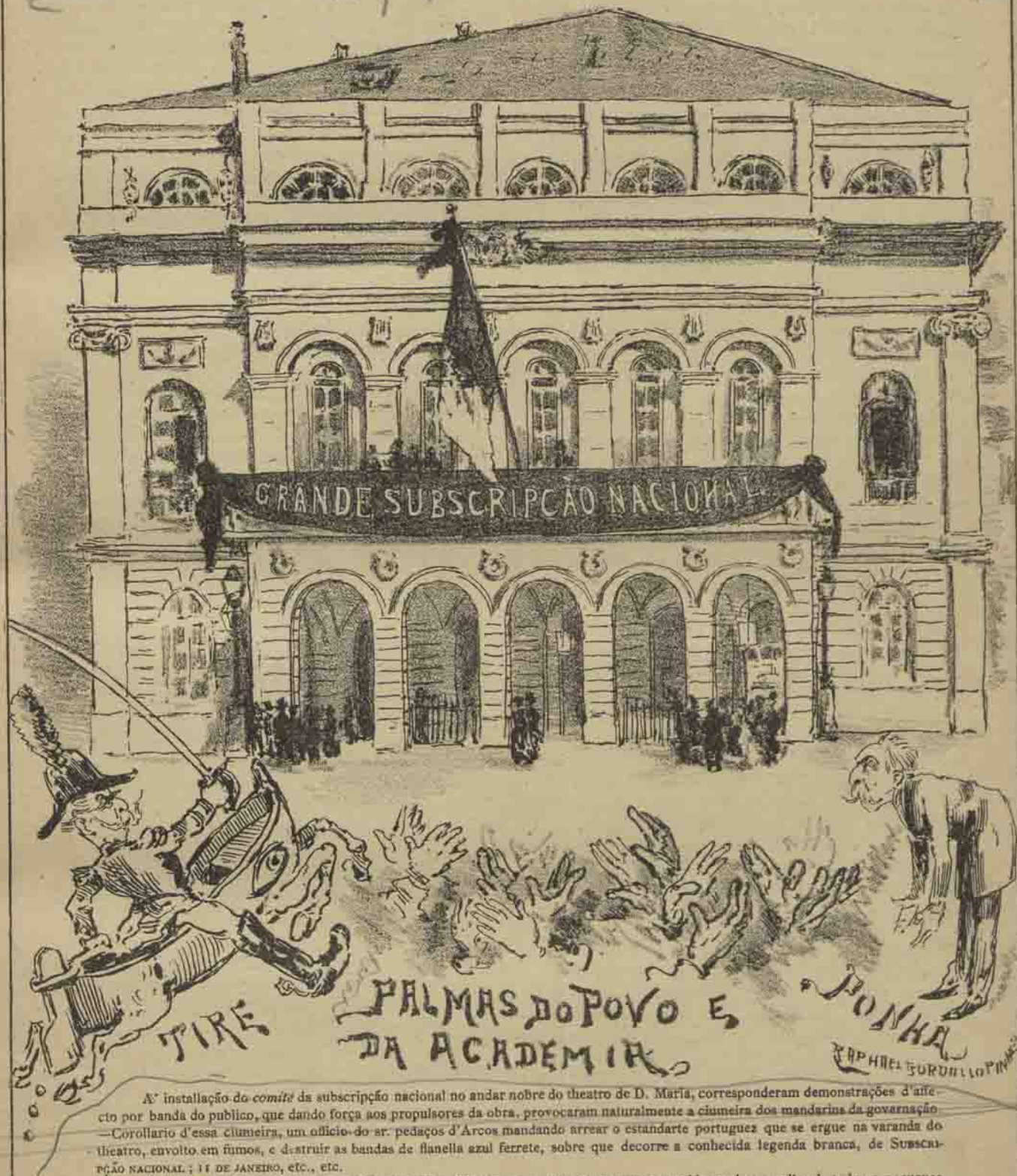


A subscrição nacional



A instalação do *comité* da subscrição nacional no andar nobre do theatro de D. Maria, corresponderam demonstrações d'afecto por banda do publico, que dando força aos propulsores da obra, provocaram naturalmente a ciúmeira dos mandarins da governação — Corollario d'essa ciúmeira, um officio do sr. pedaço d'Arcos mandando arrear o estandarte portuguez que se ergue na varanda do theatro, envolto em fumes, e destruir as bandas de flanela azul ferrete, sobre que decorre a conhecida legenda branca, de Subscrição Nacional; 11 DE JANEIRO, etc., etc.

A afronta em flagrante, e mal recebido o officio, deliberou o *comité* ir informar o presidente do conselho de todos e pequenos episodios que se haviam precedido, ficando depois d'essa entrevista os espiritos perplexos na alternativa seguinte:

— Que ou a bandeira e as legendas permaneciam taes quaes eram, ou a commissão patriótica era promptamente dissolvida, apesar d'um officio do sr. presidente do conselho lhe haver já dado sanção publica.

Doze horas decorridas, temos que noticiar com jubilo que o sr. governador civil enguliu como um catita a prohibição que primeiro fizera, em estylo de bordo, ao *comité*; e que das suas retratações (constantes d'um officio enviado) resulta que tudo poderá continuar como até gora, a bandeirinha, as legendasinhas, o mappasinho, etc. Tudo! Tudo! mesmo até o proprio pedaço d'Arcos como governador civil de Lisboa, depois da reprimenda que lhe infringiu o Sr. Antonio Serpa.

Ora apanha lá, compradre, a tua conta!

O cortejo de dois de março

A convite do Gremio Lusitano, tencionava a população de Lisboa ir encher de flores, no dia 2 do próximo março, os esqueletos de Camões e Vasco da Gama, que como se sabe estão na prateleira d'uma das capellas dos Jeronymos. Para o projectado cortejo, muitas associações e câmaras municipaes tinham já vindo offerecer ao Gremio Lusitano o seu concurso, e tudo fazia prevêêr que essa demonstração revestiria uma tonalidade magnifica de civismo, alta e intensiva, que bem provasse não terem sido as effervescencias patrióticas de Janeiro, uma simples *influença* pegada de meia duzia de litteratos para duzia e meia d'estudantes, e para quatorze ou quinze arruaceiros. A procissão organisar-se-hia no Terreiro do Paço, seguiria pela margem do rio, té ao mosteiro, passando, claro está, rez-vez ao muro dos jardins do paço de Belem.

Deposta a offerenda nos dois tumulos, pronunciados os discursos condizentes á cerimonia, desceriam os manifestantes para a cidade, tornando a passar encorporados por debaixo dos terraços da residência de S. M. o rei D. Carlos.

Ora, a população de Lisboa sente, agora mais do que nunca, a necessidade d'entrar em demonstrações ruidosissimas d'amor patrio; e sente-o tanto mais, quanto maior empenho o governo tem d'asphixial-as por todas as formas, e de lhes diminuir a importancia pelas declarações das suas boccas mais autorisadas. Primeiro porque ella vê o paiz nas mãos d'uma quadrilha d'espíões da Gran-Bretanha, que a um assobio do rei, pretende entregar-nos de pés e mãos aos patricios de George Petre—actualmente o verdadeiro monarcha e dominador de Portugal.

Segundo, porque n'este *complot* do sr. D. Carlos e dos seus ministros para o protectorado inglez que se projecta, sobre a facha da terra lusitana—as prohibições despoticas dos dias 11 de Fevereiro e 2 de Março, longe de terem extinguido a febre da multidão, ao contrario, concentraram-na, avivando-lhe a ideia d'uma revindicta sangreta e exhaustinada—que ha de vir, custe o que custar, dentro de pouco!

×

A medida que as corporações da capital forjam pois pretexto para descer á rua a pronunciar-se (e esses pretextos não faltam, quer emanados da imbecillidade do governador civil, quer directamente nascidos da infamia do gabinete, que pela bocca do sr. Hintze fornece elementos para a nota do ministro inglez, que todos conhecem, e pela bocca do sr. Serpa, elementos para a *interview* da PATRIA, que todos leram) o governo, inhabil e aterrado, cuidando de soffrer as expansões da alma publica, só conse-

gue recalçar o odio de nós todos contra o regimen cáduco que nos empobrece e nos deshonra, e ir fermentando entre o povo um tal desdem pelo rei, e um tal fastio pela monarchia, que pouco adivinha, quem só no futuro lhe augurar escruciantissimas amarguras.

Sobre ser uma pessoa estreita e inexperiente, o sr. D. Carlos não tem sorte. Traz uma camariha de scepticos á roda, janotas nullos, escriptóricos d'albúm, ambiciosos sem alcance, e militares sem saude e sem cabello. Com uma deploravel educação d'atirador de pombos e de toureiro, não tem a menor ideia das necessidades e das aspirações que são o propulsor vital dos povos livres, e cristallisa ainda na velha basofia miguelina de que as nações se fizeram para brinquedo dos principês reinantes, e de que o primeiro dever d'um monarcha é usar ezeoulas de seda, e mandar fazer fatos da moda ao estrangeiro.

Nas poucas occasiões decentes em que poderia ter conseguido sustar a antipathia que inspira, sempre os seus conselheiros o collocaram de modo a acirrar contra elle, ainda mais, o mau humor de toda a gente.

Gorre por exemplo em Lisboa a noticia do *ultimatum*, n'aquelle terrível Domingo da janeiro, e os açafates de Belem trazem S. M. a passear de bonnet encarnado, para a Avenida! Promove-se uma contribuição de guerra, cobrada já se vê por via affectiva, e com destino a acquisições navaes; e quando todos acordam em que essa subscrição seja um sacrificio unico e supremo, e represente a maior somma que cada qual possa trazer ao thesouro de defeza nacional, os aulicos da familia real só lhe conseguem saccar da bolsa oitenta contos de réis—o preço do mais barato vestido que a rainha mandou fazer em Paris, á nossa custa—oitenta contos que mataram a grandiosidade da ideia, visto como nenhum capitalista ou grande opulento ousará exceder a cifra monarchica, e o conjuncto da subscrição já nem sequer logrará attingir assim, o valor de dois grandes couraçados.

×

D'este modo, permanecendo alheio a todas as correntes d'entusiasmo e revindicta patriótica, contrariando oppressivamente as liberdades que a lei pôz de guarda á affirmacão d'esse entusiasmo, jogando de porta em todos os grandes impulsos que podessem pôl-o decisivamente a par do seu povo—embora fazendo-lhe perder o apoio dos canhões inglezes com que elle conta, para o dia em que o *Alagoas* de novo venha ao Tejo—o sr. D. Carlos cavou de roda do seu throno um fosso profundissimo, que o isola do reino, e que ha-de por força afogar os que pensarem em lhe transpôr a nado, as aguas turvas.

Para evitar á corôa portanto, o que de perigoso haveria na passagem de dez ou doze mil pessoas, rez-vez os muros da residência do sr. D. Carlos, o governo prohibiu o cortejo civico aos Jeronymos: e com tal cagaço o fez, que o governador civil na redacção do edital, ao escrever *prohibo*, sublinhou o verbo—o que é uma maneira burocratica de significar que nem já sabe ás quantas... prohibe.

Demos-nos por um momento a *allure* d'um medium visionante, e predigamos o que haveria acontecido, se o cortejo tén posto pé na rua. Em primeiro logar (e pois que os jornaes do dia o disseram já) esse cortejo tinha accentuadamente uma feição republicana. Que querem! Hão-de de ser phrygios todos os cortejos d'ora em diante organizados, e sel-o-hão tanto mais desenvolta e ruidosamente, quanto maior a insistencia do governo em lhes cohibir a marcha, e em lhes proterviar á nascença, a eclosão.

Em cada sociedade operaria, camára municipal de provincia, ou redacção de jornal incorporada no prestito, por entrê os elementos jacobinos congenitos, haveria meio de intercalar alguns decididos manifestantes dos clubs republicanos mais em evidencia: e essa grande serpente, ao desenrolar-se nas ruas, açovacada ainda pela mordada dos ultimos editaes da Parreirinha, por Deus que não haveria de conservar-se muda e apavorada, no transcurso do Terreiro do Paço até Belem! As flores que Camões não teve em estatua, das mãos do club HENRIQUES NOGUEIRA, seriam carregadas ás costas dos membros da maçonaria portugueza; e como nada exalta melhor a coragem do que o remorso d'uma covardia, é natural que o povo á primeira estrupida de municipaes refilasse a dentuça leonina, fazendo cahir alguns contra a calçada, e não só levando flores á osada do navegador e do poeta, senão também presenteando com a palha sobrexcedente da refeição do bestocrata geographo, as ucharias d'uma certa casa que para aquelles sitios ha, muito pertinho de Windsor, e muito longe do coração de Portugal.

Em boa prudencia, o sr. Antonio de Serpa fez bem mandando proibir o cortejo apothetico do *Gremio Lusitano*, não só pelas desillusões que elle traria á adiposa soberba do Sr. D. Carlos, senão também pelos telegrammas que elle havia de dar á agencia Havas.

Hum! Mas acreditem n'isto os guarda-costas do menino gordo: quanto para mais longe as demonstrações forem sendo adiadas, tanto mais fervorosas e altivas ellas explosirão d'um dia, gritadas por todas as boccas e postas em acção por todos os braços; isto pela razão de não ser mais possivel separar molecularmente — permitta-se o termo — a ideia de revindicta patriótica, da d'um regimen politico excessivamente antagonico do actual.

Aqui ha dois mezes, ainda no paiz o grito de viva a patria! era distincto do viva a republica! Agora estas duas expressões são solidarias, confundem-se, e podem-se substituir uma por outra, aos quatro ventos, sem que a ideia por ellas expressa tresvie do ideal da nossa resurgencia futura, uma só linha.

IRKAN.

Uma carta de Camões

Quando o sol, lá do infinito,
Deitava feixes de luz,
O carteiro do districto,
Empunhando um sobrescripto,
Bateu-me á porta — truz! truz!

Foi-se a moça, sem demora,
Correr o fecho ao portal;
E o correio, lá de fóra,
Perguntou-lhe: — Aqui não mora
O seu Fulano de tal?

Volve a moça: — O meu patrão
Usa, é certo, essas alcunhas.
— Não resta duvida então...
E, dizendo, estende a mão,
Mette-lhe a carta nas unhas.

Vem a moça, em largo passo,
Dar-me a carta, que esquadrinho
E de esquadrinhal-a embaço,
Que em vez de papel almaço
Era escripta em pergaminho!

De rapé trazia o cheiro,
Tinha cinco ou seis borrões,
E acabava em tom cazreiro:
«25 de fev'reiro,
Teu velho amigo — Camões.»

— O' surpresa enorme e farta!
Camões escrever-me a mim!
É á terceira vez — ou quarta —
Consegui ler toda a carta;
A carta dizia assim:

Estimo que em goso e festa
Vás passando — e mais os teus;
A mim, pouco me molesta;
E a saude, ao fazer d'esta,
E' boa, graças a Deus.

Uma coisa me incommoda
De que vou dar-te noticias...
Que vem a ser esta moda
De me andarem sempre á roda
Tres *guitas* e dois policias?

O que elles fazem não sei
Sob a pedra a que me encosto...
Mas dize, em meu nome, ao rei:
— De *guitas* nunca gostei;
De policias... já não gosto!

Guardado á vista! ora esta!
Antes fechado a ferrolho!
Nem posso dormir a sesta!
Tenho um olho — um só me resta —
Não sou senhor nem do olho!

Vê se o caso me desfia
Qual linho em zaragatoa!
— Então na terra do Elias
Não ha sequer garantias
P'ra o olho d'uma pessoa?

Acabem co'essa farçada
Com que me damno e me esquento!
Policias — não tomo nada...
— Antes cães, de perna alçada,
A... *regar-me* o monumento!

João Saraiva

A do governo perante o povo, despotica.

Tres attitudes

differentes

A do governo perante a Inglaterra, servilissima.



Entre estas duas humilhações destaca porém a attitude do povo, tranquilla, digna, e entresonhando o dia em que haja de pôr na rua um, e tirar desfora do outro.

As perseguições da policia

Estamos coactos. Não se pronuncia uma palavra, não se fez um gesto, não se dá um passo, que se não encontre a policia a tapar-nos a boeca, a sustar-nos a mimica, e a atravessar-nos o chanfalho no caminho.



— Policia escondido atraz da porta!



— Policia agarrado ao cordão da campainha!



— Nas algibeiras do casaco.



— No pente.



— Na sopa.



— No vinho.

Tanto policia, além do terror que naturalmente infunde, inda por cima nos estraga a digestão. E se movidos por uma urgencia de tiragem infra-umbelical debandamos a correr p'ro water-closet, de dentro do proprio siphão da caixa eil-a que immerge, a exigir que façamos andar p'ra deante, uma coiza que só sabe andar para traz.



— Que sarracina!

THEATRO DA TRINDADE

SABBADO, 1 DE MARÇO

FESTA ARTISTICA DO ACTOR AUGUSTO



— Augusto: um duro cilicio
Me opprime o peito de dor:
Sei que, segundo o teu vicio,
Tu vaes fazer beneficio
Levando as Garras d'açor.

Com que desejo eu quizera
Ver d'essa peça o primor!
Quem me dera, dera, dera,
Cahir nas mãos d'essa fera,
Cahir nas Garras d'açor

A censura dramatica

Foi o amigo Sacarrão assistir a uma *reprise* do HAMLET em D. Maria. Ouviu as ameaças do principedinarqueiz contra o padrasto, e não gostou; assistiu á dolorosa scena brutal do principe com Ophelia, e franziu a testa; e eis que chegado ao monolo-



go do *Ser ou não ser!* se lhe não compadece a austeridade de policia e de litterato, perante os mysteriosos problemas que esse monologo encerra, e que a elle, como ao sr. governador civil—o famigerado Herodes da sanefa—se lhe affiguraram attentatorios da ordem e da segurança publicas.



— PRRROHIBA! diz o d'Arcos ao seu ajudante de ordens Sacarrão. Quem é o auctor d'esta revista?
 — Sackspeare, responde a empreza do theatro.
 — E' dos que vão ao *Martinho*?
 — E' um inglez, senhor governador.
 — Salve-se o inglez que é nosso amigo. Mas toca a querellar do traductor. Como se chama elle?



Abordando o Valentim, de naris á porta do *Martinho*, interrogam-no com sanha prepotente.

— Andará por aqui o traductor do *Hamlet*, uma especie de revista do anno, attentoria da ordem e da segurança publicas?

— A traduxão, é do xenhor rei que está em xão Bixente.

— Prendam-no.
 — Max está morto.
 — Tem filhos?
 — Max o filho non traduxiu coiza nenhuma.
 — Se não foi elle, foi seu pae. Não quero saber! Prendam o filho.



E eis-os a correr d'ali para o palacio de Belem



— Quem procuram?
 — Fallar ao filho do traductor de Sackspeare.



— Sou eu mesmo.
 — Está preso.



— Mas eu sou inviolavel.
 — Não manguie!
 — Mas sou o rei.
 — Ande lá p'ra diente.

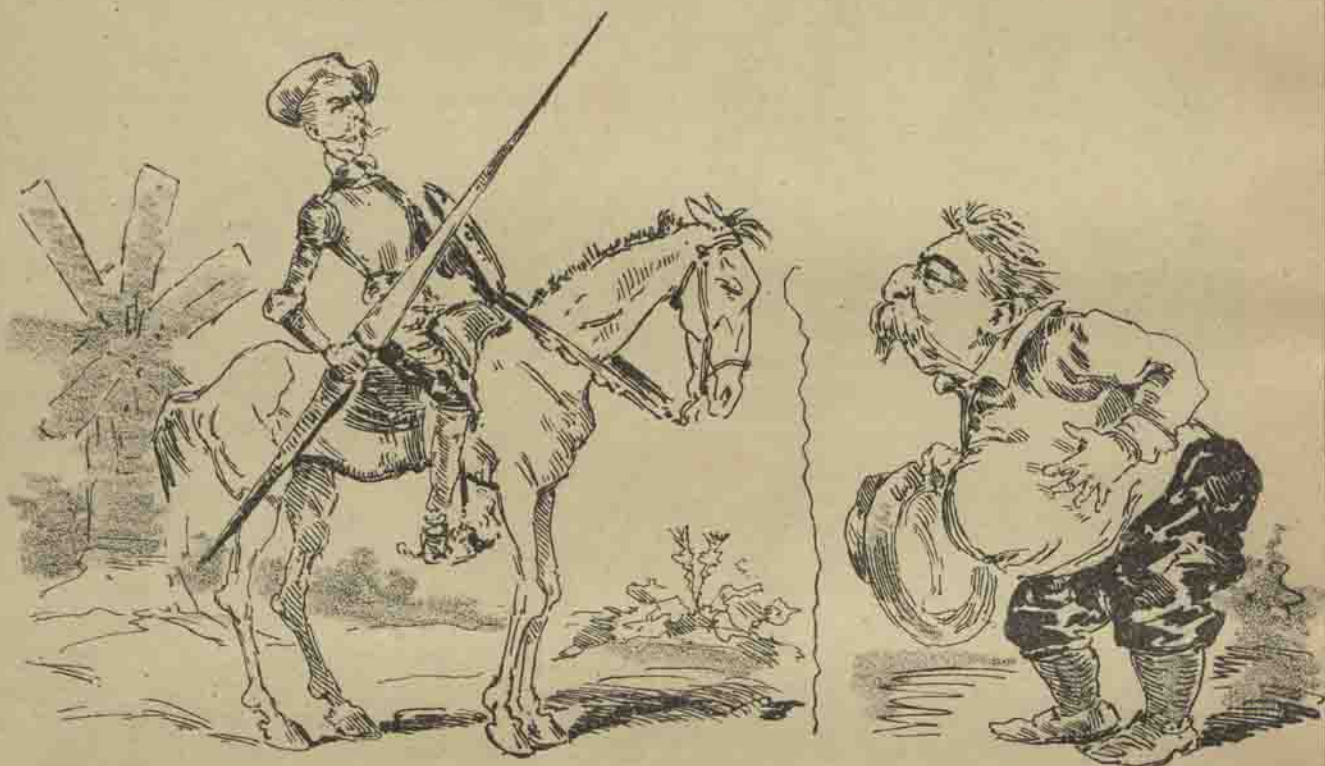


Transcripto dos autos de pronuncia que a auctoridade enviou á Boa Hora:

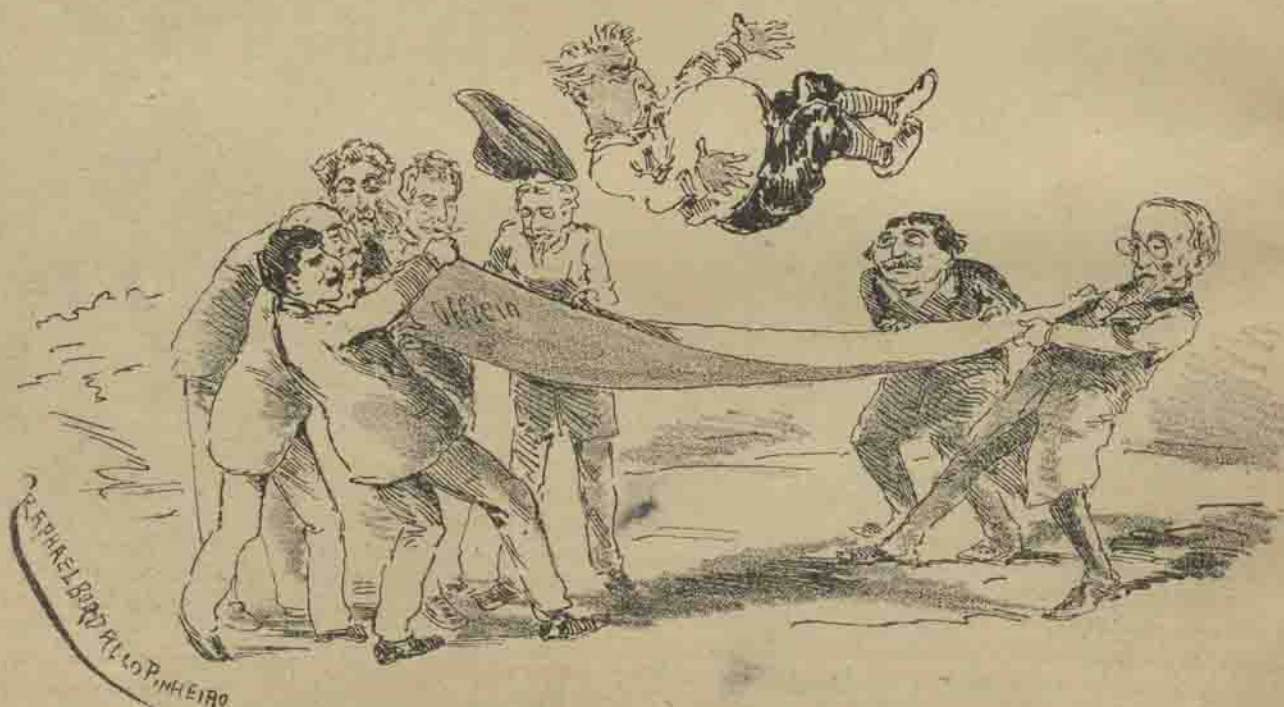
... tal e tal, pronunciado um tal Carlos Gabriel Gonzaga, por ter escripto uma peça intitulada *Hamlet*, a qual contém doutrinas subversivas á moral, e manifestamente hostis ás instituições, etc., etc.

A QUESTÃO DOS PANNOS

D. Arrobas 2.º Herodes da Sanefa



O D. Quichote de 11 de fevereiro transforma-se em *Sancho Pança* a 26 do mesmo mez—assim devia ser porque é o estylo inglez.



Como *Sancho Pança*, menos engraçado que o original, foi *manteado* pela Comissão e pelo Governo—no seu proprio officio.

Surriada que ENGULIU..